

UMA EXPERIÊNCIA DE OFICINAS DE SEXUALIDADE QUE CONFIRMA QUE A AIDS É A DOENÇA SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL MAIS CONHECIDA ENTRE OS ALUNOS

Thaís de Sousa Lemos¹; Priscila Carozza Frasson Costa¹; Franciely Paliarin¹.

1 Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Luiz Meneghel. Bandeirantes – PR.

RESUMO

Projetos de educação sexual que abordem Doenças Sexualmente Transmissíveis, relacionando os aspectos biológicos e sociais são importantes para a formação de alunos na Educação Básica. O objetivo deste estudo foi verificar que entre amostras de alunos de nível fundamental e médio de escolas públicas da cidade de Bandeirantes-PR, a Aids é a DST mais conhecida, provavelmente pelo estigma da síndrome e portadores do vírus HIV, bem como pela ampla veiculação pelos órgãos de saúde e mídia. Através da aplicação de questionários antes e depois da realização de um projeto com oficinas de sexualidade, observamos que os alunos não têm conhecimento sobre as características das principais DST's trabalhadas, e os poucos que caracterizaram, fizeram confusão entre os sintomas das DST's ou responderam errado. Em programas escolares de educação sexual faz-se necessário destacar a importância das principais DST's, não somente da Aids/HIV, para que haja amplo conhecimento e redução do estigma da Aids.

PALAVRAS-CHAVE: Aids/HIV, oficinas de sexualidade, alunos

INTRODUÇÃO

Após a Revolução Sexual ocorrida na década de 60, as pessoas se tornaram livres para expressarem a sexualidade humana e passaram a lutar pela diminuição da repressão sexual.

Segundo Loyola (2010), junto à Revolução Sexual, veio a pílula anticoncepcional, que se uniu com novos valores associados ao “movimento hippie”, iniciado nos Estados Unidos, bem como a revolta estudantil que foi titulada como “maio de 68”, na França. Os dois movimentos contestavam os valores culturais de uma sociedade que era considerada conservadora, moralista e repressiva, inclusive nas questões do plano sexual.

Para Leite *et al* (2007), com o impulso da Liberdade Sexual, as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), aliadas à epidemia de AIDS, houve a desaceleração da busca pela Liberdade Sexual conquistada no século XX.

Segundo o GTPOS (2009), na década de 80, acreditava-se que o Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV – estava restrito aos considerados grupos de risco, que eram os homossexuais, usuários de drogas injetáveis, pessoas com vários parceiros sexuais e pessoas que sofreram transfusão de sangue contaminado. As campanhas de prevenção da Aids realizadas pela mídia na época eram baseadas nestes conceitos, que contribuíram para o aumento do preconceito, colaborando para a grande divulgação da síndrome.

Atualmente, as pesquisas mostram que tanto o vírus da Aids quanto as demais DST's não estão ligados somente a grupos de risco, e sim a toda a população, independente da classe econômica, raça, sexo, idade, credo religioso ou gênero sexual (GTPOS, 2009).

Ao pesquisar o tema DST's, logo observamos que os primeiros artigos localizados nos meios digitais relacionam a palavra DST's diretamente com a Aids/HIV. É compreensível que o Ministério da Saúde dê ênfase à Aids/HIV nos meios de comunicação por todo o impacto acarretado ao longo dos anos, desde a descoberta do vírus até os dias de hoje. Porém, seguindo a ideia de Weeks apud Sontag (1989), naturalmente, qualquer doença que possua ameaça à vida deveria causar ansiedade, mas a Aids se tornou uma poderosa metáfora para a cultura sexual. A doença é vista como uma advertência sobre os efeitos da Revolução Sexual.

Segundo BRASIL (2010), o HPV, por exemplo, que é uma DST causada pelo Papilomavírus Humano, podendo levar ao câncer do colo do útero, é o segundo tumor mais frequente entre as mulheres, atrás apenas do câncer de mama; é também a quarta causa de morte de mulheres por câncer no Brasil. Por ano, faz aproximadamente 4.800 vítimas fatais e apresenta 18.430 novos casos.

Dessa forma, acreditamos que nos programas de educação/orientação sexual desenvolvidos em escolas, se faz necessário que sejam trabalhadas as principais DST's, não somente a Aids/HIV, de forma que os alunos tenham condições de perceber que existe uma gama de doenças vinculadas ao ato sexual e que também são preocupantes.

Nestes programas de prevenção de DST's é interessante que sejam vinculadas informações sobre cada doença, com os meios de transmissão, os sintomas do portador e como é feito o diagnóstico.

Existe a necessidade de ações preventivas de um orientador sexual com adolescentes. A adolescência é a fase de transição para a vida adulta, repleta de turbulências emocionais, transformações corporais, que são movidas pelas curiosidades relacionadas ao sexo, que exige grande habilidade do educador para tratar as DST's (GTPOS, 2009).

O objetivo deste presente estudo foi verificar que entre amostras de alunos de nível fundamental e médio, a Aids é a DST mais conhecida, provavelmente pelo estigma da síndrome e dos portadores do vírus HIV, bem como pela ampla veiculação pelos órgãos de saúde e pela mídia.

Metodologia

Os dados que serão relacionados neste trabalho fazem parte de um projeto maior que contempla um programa de iniciação científica, cujo enfoque principal é a educação sexual em escolas públicas. O trabalho foi desenvolvido durante os meses de abril a outubro de 2010, em atividades de oficinas de sexualidade onde trabalhamos com vários temas, em 10 sessões aplicadas em escolas estaduais do município de Bandeirantes – PR.

As oficinas utilizaram materiais didáticos diversos como modelos, álbuns seriados, slides, para fazer a explicação e ilustração de todos os temas tratados. Neste projeto houve a participação de licenciandos do curso noturno de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná – campus Luiz Meneghel, que contou com a orientação/supervisão de uma professora. Neste sentido, os licenciandos sentiam-se preparados para levar informações corretas aos alunos das escolas envolvidas.

Para este trabalho utilizaremos os resultados de quatro escolas escolhidas por representar populações de bairros distintos da cidade. As escolas estão relacionadas na tabela 1:

	Escola 1	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4
Nome da Escola	Usina Bandeirantes (turma 1)	Usina Bandeirantes (turma 2)	Cecília Meireles	Huberto Teixeira	Nóbrega da Cunha

Amostra	5 alunos	5 alunos	11 alunos	8 alunos	5 alunos
Idade	Entre 11 e 12 anos	Entre 13 e 17 anos	Entre 13 e 17 anos	Entre 11 e 15 anos	Entre 12 e 14 anos

Tabela 1. Escolas envolvidas no projeto, amostra de alunos e idades relacionadas.

Como forma de sondagem inicial, aplicamos um questionário antes do início das oficinas (pré-questionário), para que tivéssemos ideias das noções que os alunos tinham sobre os temas que seriam tratados nas oficinas. Ao fim das oficinas, reaplicamos o mesmo questionário (pós-questionário).

Dentre as 10 questões discursivas e alternativas baseadas nos temas das oficinas que versavam sobre DST's, fertilização, métodos contraceptivos, estruturas dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, opiniões sobre homossexualidade, neste trabalho nossa preocupação restringe-se à seguinte questão: *“Quais são as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) que você conhece? Descreva e cite características de cada uma delas”*.

As respostas foram dissertativas, onde os alunos puderam expor os conhecimentos. Avaliamos as respostas em gráficos, onde designamos as doenças apontadas anterior e posteriormente à aplicação do questionário, analisando quais as doenças mais citadas, quais os erros cometidos pelos alunos, bem como a mudança percebida nos resultados apontados pelos questionários prévios e posteriores às oficinas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a **turma 1 da escola 1**, que tinha uma amostra de 5 alunos (100%), nas respostas do pré-questionário, notamos que a maioria dos alunos possuíam maior conhecimento quanto à DST nominada Aids, com 60% das respostas (3 alunos). Algumas outras doenças como Sífilis, Herpes Genital e Gonorréia foram citadas em 20% (1 aluno) das respostas, e 40% (2 alunos) não responderam.

Podemos observar no gráfico 1 que no pós-questionário, a diversidade de doenças relacionadas diminuiu, porém, percebemos que a Aids foi citada em 100% (5 alunos) das respostas dos alunos. Para este grupo de alunos, que apresentavam idades entre 11 e 12 anos, caracterizamos que a menor diversidade do conhecimento das DST's no pós-

questionário, provavelmente tenha sido um fator relacionado ao desinteresse dos alunos quanto às aulas expositivas (utilizada para a oficina sobre DST's), notando grande confusão entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis, e notando a falta de explicação dos alunos quanto às características das doenças apontadas, como solicitado no enunciado da questão.

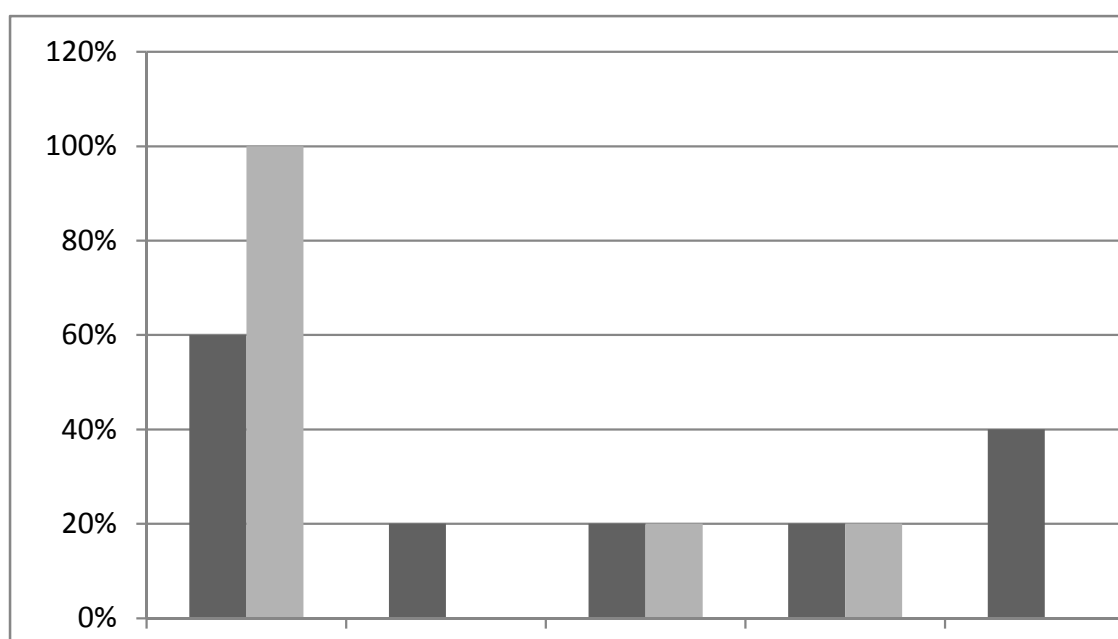


Gráfico 1: Frequências (%) das citações de doenças respondidas no pré/pós questionário na escola 1, turma 1.

A **turma 2 da escola 1** possuía a amostra de 5 alunos (100%). Notamos que no pré-questionário, os alunos possuíam apenas o conhecimento da DTS Aids, onde 100% da amostra a citou. No pós-questionário a Aids também foi citada por todos os alunos (gráfico 2), porém, as doenças Sífilis, Herpes Genital, Gonorréia e Crista de Galo corresponderam às respostas dos alunos no pós-questionário, notando melhora na diversidade do conhecimento dos alunos após as oficinas.

Em todas as respostas não foram observadas características das doenças pelos alunos, conforme solicitava a questão. A melhora observada nas respostas pode ter sido em função da faixa etária dos alunos, entre 13 e 17 anos, já tendo estudado na disciplina de Ciências assuntos relacionados.

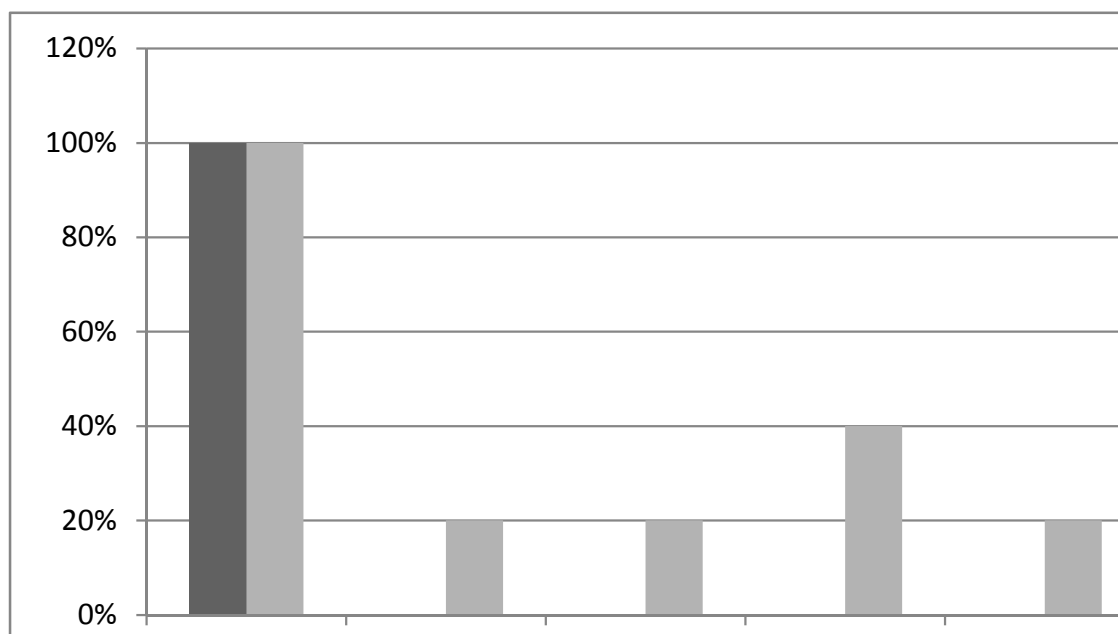


Gráfico 2: Frequências (%) das citações de doenças respondidas no pré/pós questionário na escola 1, turma 2.

Na **escola 2** que possuía uma amostra de 10 alunos (100%), pudemos observar conhecimentos diversificados quanto às DST's, obtidos pelas respostas dos alunos no pré-questionário. Tanto no pré, quanto no pós-questionário, a doença mais citada pelos alunos foi a Aids (gráfico 3). No questionário posterior os alunos apontaram as doenças Aids, Sífilis, Herpes Genital, Gonorréia, Cancro Duro, Cancro Mole e Hepatite B.

Para este grupo de alunos pudemos observar maior assimilação quanto ao conhecimento das doenças existentes, porém, não observamos a caracterização das doenças apontadas. Este grupo de alunos apresentava idades entre 13 e 17 anos, que se mostraram participativos e atenciosos às explicações dos licenciandos que fizeram o atendimento nas oficinas. Esta pode ter sido a razão da melhora dos resultados.

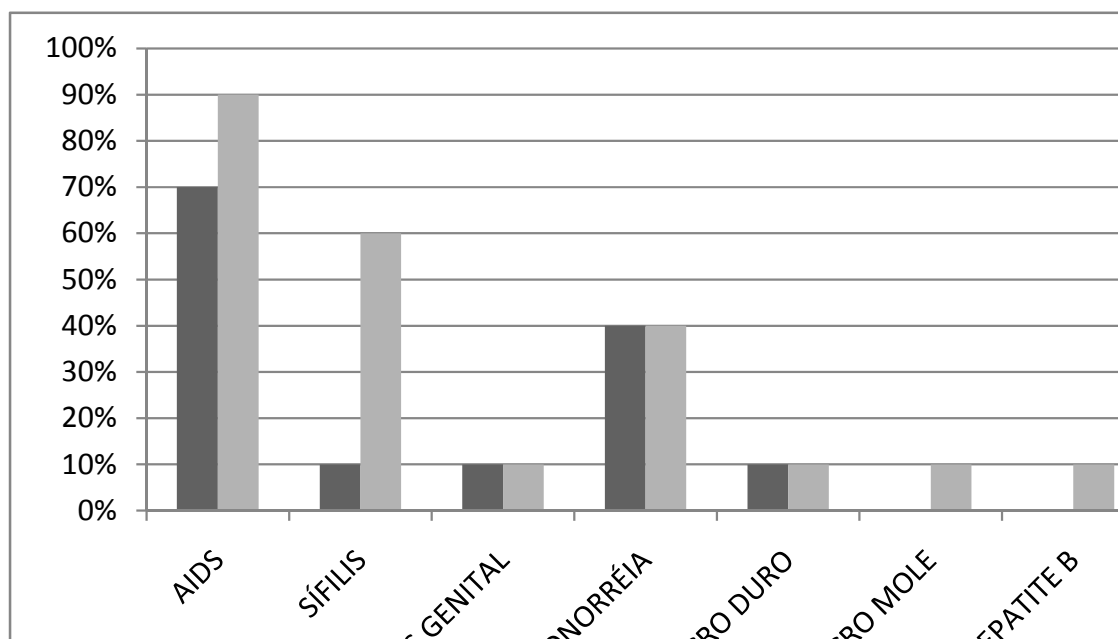


Gráfico 3: Frequências (%) das citações de doenças respondidas no pré/pós questionário na escola 2.

A **escola 3**, cuja amostra era de 8 alunos (100%), apresentou resultado significativo em relação à diversidade de doenças citadas pelos alunos no questionário posterior. É possível observar no gráfico 4, que 50% dos alunos (4 alunos) conheciam somente a doença Aids, e os demais alunos não responderam. Já no pós-questionário, podemos observar maior gama de DST's citadas, relacionando maior conhecimento dos alunos quanto à Aids (75% - 6 alunos), e também citações de outras DST's como a Sífilis (12,5% - 1 aluno), a Herpes Genital (12,5% - 1 aluno), Gonorréia (12,5% - 1 aluno), Cancro Duro (12,5% - 1 aluno), Cancro Mole (12,5% - 1 aluno), e Hepatite B (12,5% - 1 aluno).

Para este grupo de alunos observamos idades entre 11 e 15 anos, sendo que alguns relataram já ter ouvido a professora de Ciências da escola relacionar algumas das doenças trabalhadas nas oficinas. Possivelmente estes aspectos contribuíram para que houvesse maior familiaridade com os termos apresentados pelos licenciandos nas oficinas.

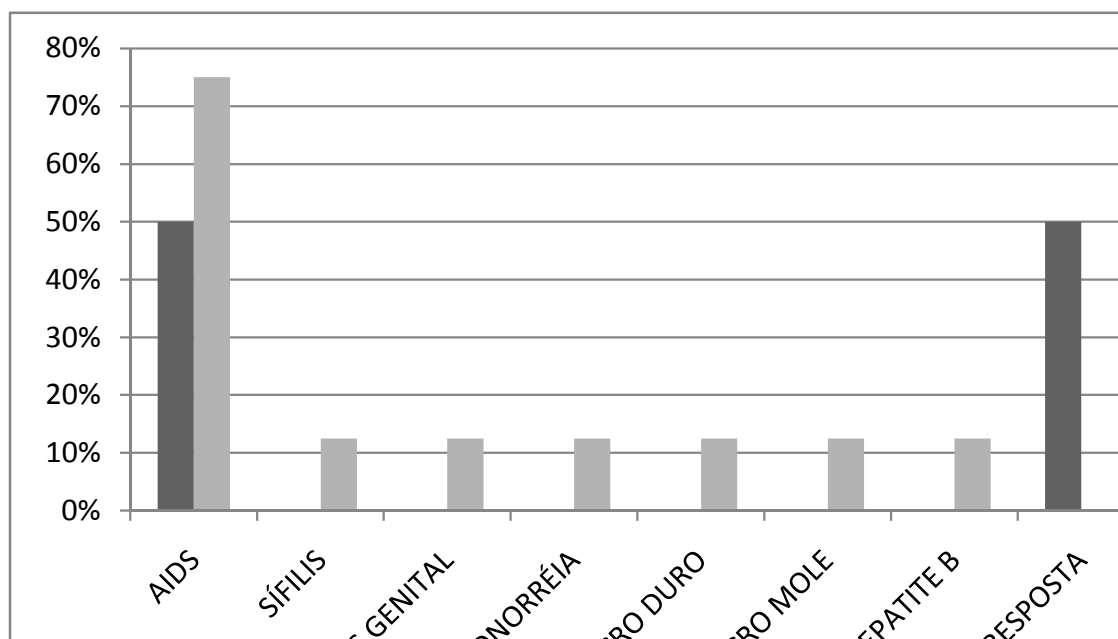


Gráfico 4: Frequências (%) das citações de doenças respondidas no pré/pós questionário na escola 3.

Na **escola 4** os 5 alunos (100%) já possuíam o conhecimento básico sobre as DST's. Podemos observar no gráfico 4 que as doenças Aids, Sífilis e Gonorréia foram citadas por 80% (4 alunos) da amostra no questionário anterior. No pós-questionário estas doenças foram citadas com maior frequência entre os alunos.

A DST Candidíase foi citada somente no pré-questionário e a doença Cancro Mole somente no pós-questionário. Este grupo de alunos destacou-se nas oficinas pois eram alunos interessados, participativos e dispostos a assumir a prevenção como condição para a saúde sexual. Embora alguns ainda não tivessem iniciado a atividade sexual, conforme relatos, com a faixa etária de 12 e 14 anos, já estavam pensando sobre o ato sexual e as informações ficaram a contento.

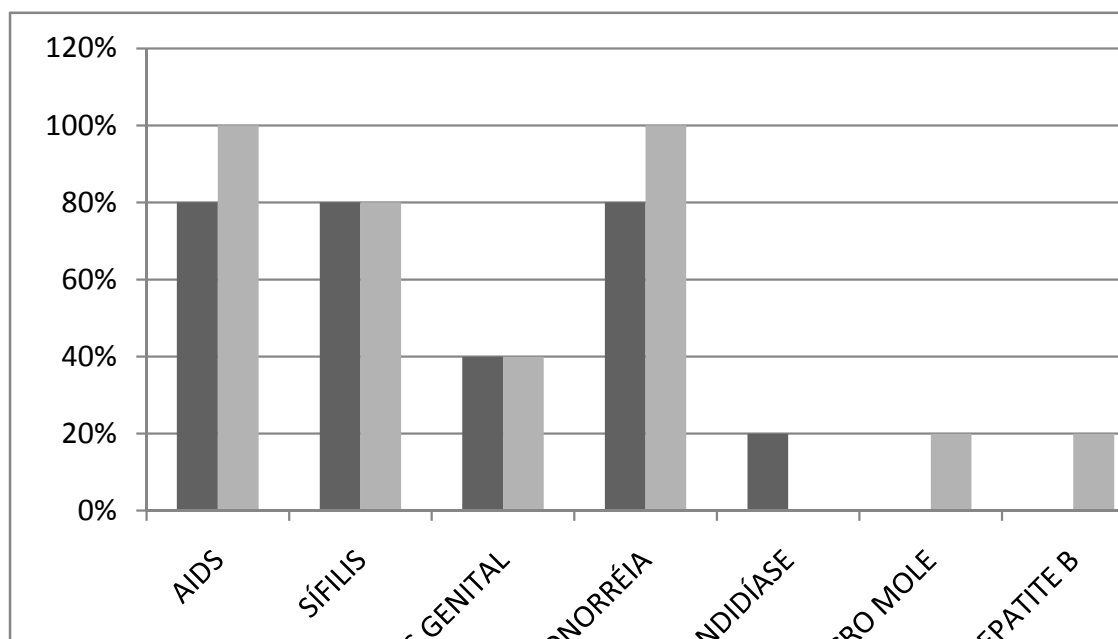


Gráfico 5: Frequências (%) das citações de doenças respondidas no pré/pós questionário na escola 4.

Podemos observar que a Aids é a DST mais conhecida entre os alunos de todas as escolas, com exceção da escola 4, em que a Aids foi tão citada quanto a Gonorreia. Notamos também que o conhecimento dos alunos quanto às doenças se relaciona diretamente com o fato de o professor de Ciências já ter desenvolvido aulas relacionadas ao tema. Nas escolas em que os alunos comentaram já terem estudado as doenças, os resultados foram mais diversificados.

Apesar do bom resultado geral no pós-questionário para todas as escolas, com exceção da escola 1, observamos que os alunos não apontaram as características das doenças que citaram, e os poucos que caracterizaram, fizeram confusão entre os sintomas das DST's ou responderam errado. Podemos atribuir esse resultado ao desinteresse dos alunos quanto à aulas expositivas tradicionais, à dificuldade dos mesmos em conhecerem em uma oficina todos os sintomas e conseguir distingui-los, e a notável falta de embasamento observada na maioria das escolas trabalhadas. Algumas doenças, como HPV e a Hepatite B foram opinadas pelos alunos nas oficinas como as doenças menos conhecidas.

Como mencionamos, o HPV tem alta incidência entre mulheres, e tanto esta doença quanto a Hepatite B, não possuem divulgação suficiente, as campanhas de prevenção são escassas e existe pouco direcionamento pedagógico em programas de educação sexual. Entretanto, como as demais DST's, o HPV e a Hepatite B devem ser abordadas nestes programas, pois a falta de conhecimento amplia os riscos de contágio.

Conclusão

O presente estudo demonstrou claramente a carência dos alunos quanto ao conhecimento sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis, os agentes causadores, sintomas, tratamento e prevenção. No trabalho desenvolvido nas oficinas, demos a mesma

ênfase a todas as doenças relacionadas no questionário de investigação, pois entendemos que todas tem risco.

Sabendo que a Aids/HIV é a DST mais divulgada nos meios de comunicação, conforme mencionamos e pudemos confirmar na pesquisa entre os alunos, nossa intenção nas oficinas era trabalhar com o estigma social e o preconceito vinculado aos portadores do vírus, que desde a explosão da síndrome na década de 80, ainda se mantém em qualquer meio social, bem como para os “grupos de risco”.

Sendo assim, as oficinas tiveram o objetivo de levar o conhecimento científico aos alunos da Educação Básica, e destacar a importância do trabalho escolar, da mídia e dos programas de prevenção tratando-se não somente da Aids/HIV, mas também das demais DST's.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. 2010. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/colo_uterio/definicao//>. Acesso em: 30 de março.

GTPOS. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

LEITE, M. T. F; COSTA, A. V. S; CARVALHO, K. A. C; MELO, R. L. R; NUNES, B. M. T. V; NOGUEIRA, L. T. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2007, jul-ago. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a14.pdf//>>. Acesso em: 30 de março.

LINS, R. N. **Por que uma Revolução Sexual?** São Paulo (SP): Terra Networks; 2004. (citado 08 jul 2006). Disponível em: URL: <<http://camanarede.terra.com.br>>. Acesso em: 28 de março.

LOYOLA, M. A. Cinquenta anos de anticoncepção hormonal: a mulher e a pílula. Com Ciência – SBPC/LABJOR. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2010. Disponível em <<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=57&id=717//>>. Acesso em 27 de março

WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.